

Em 1962, o Chile sediou a Copa do Mundo em meio ao auge da Guerra Fria e a uma forte crise política no Brasil, que enfrentava o conturbado governo de João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros. No aspecto tecnológico, o torneio marcou uma transição fascinante para os torcedores brasileiros.

Silvestre Gorgulho, então com 14 anos, estudava agora em um seminário em Belo Horizonte, onde as regras eram mais flexíveis e o rádio era permitido. A televisão já existia no país, mas não havia tecnologia para transmissões diretas via satélite. O fluxo de imagens dependia de uma operação logística aérea. Assim que uma partida terminava em Santiago, um avião da Varig decolava carregando as fitas magnéticas gravadas. Oito horas depois, o material desembarcava no Brasil para ser exibido no videoteipe.

"A gente vivia intensamente cada jogo duas vezes", explica Silvestre. Primeiro, os torcedores sofriam com as ondas do rádio; horas mais tarde, reviam as jogadas e os gols na tela da TV. A intensidade daquela experiência inspirou o jovem Silvestre a escrever uma longa crônica em versos logo após a vitória final por 3 x 1 sobre a Tchecoslováquia, imortalizando a consagração de Garrincha, que jogou a final com 39°C de febre, e de Amarildo, o substituto de Pelé, que estava lesionado. Em suas estrofes, ele cantava o nervosismo do gol inicial de Masopust, a reação rápida do "possesso" Amarildo e o gol decisivo de Zito.

"...O 'Diablo' em ação  
Prepara o canhão  
Num jogo bonito.  
Aproveita um vão  
Estende um passão  
Na cabeça de Zito.  
Zito pulando  
O couro alcançando,  
Resolve a questão.  
A pelota entrando  
O triunfo chegando...  
É 'Bicampeão'..."

Essa mesma dinâmica de dupla percepção foi vivida por Gilson Belém, que em 1962 trabalhava como contador na recém-inaugurada agência do Banco Ribeiro Junqueira em Brasília. Ele recorda que o gerente de sua agência

# Do bicampeonato ao penta

Fotos: Arquivo pessoal



tinha um primo que ocupava um alto cargo no governo e era um dos raros felizardos a possuir um aparelho de televisão na nova capital. Nos dias de jogo, o grupo se reunia naquela sala para assistir ao videoteipe que chegava com atraso do Chile. Gilson também lembra que, em Copas anteriores, a experiência de torcer era ainda mais rústica. Em 1954, ele acompanhava os lances por meio de alto-falantes instalados nos postes da Rua José Bonifácio, em São Paulo, que replicavam as narrações de Jorge Cury para a multidão que se aglomerava nas calçadas.

## Fazendo história

De todas as glórias que presenciou, José Sarney aponta a Copa de 1970, conquistada quando ele tinha 40 anos, como a mais emocionante de sua vida. "Apesar da tensão política, o povo vibrou com o título, como uma sobrevivência emocional coletiva", lembra. O ex-presidente destaca a ousadia do técnico Zagallo ao escalar cinco craques que jogavam na mesma posição em seus clubes: Pelé, Tostão, Rivellino,

Gérson e Jairzinho, encantando o planeta com o puro "futebol arte".

Se as jogadas fascinantes e inigualáveis do "rei" marcaram a memória de Sarney, o título dinástico de Pelé também o envolveu em uma gafe diplomática memorável em Madri. Naqueles dias, o Brasil discutia em um plebiscito a adoção do parlamentarismo e, de forma quase utópica, incluiu-se a opção da monarquia nas discussões. Indagado pela imprensa estrangeira se a realeza teria alguma chance de vencer por aqui, Sarney resolveu responder com uma piada: "O Brasil já tem muitos reis, o maior de todos, rei Pelé. E temos o rei das baterias, o rei do café...". O problema é que a fala foi disparada em plena Espanha, um país monarquista e com o rei no trono. Ao perceber o deslize diante das autoridades locais, o então presidente precisou acionar rapidamente o jogo de cintura político para remendar o comentário, emendando logo em seguida que "diversos países adotam a monarquia como um sistema funcional e estável".

Foi exatamente em 1970, no México, que houve a consolidação dessa dinastia brasileira nos gramados, quando o futebol-arte de Pelé, Tostão e Rivellino